

# **MIGUEL TORGA**

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

# O “GOSTO DA RESPONSABILIDADE ASSUMIDA”: A IDEIA DA TÉCNICA NO *DIÁRIO* DE MIGUEL TORGA

Tiago Mesquita Carvalho

## 1. Introdução

Miguel Torga, aliás, Adolfo Correia da Rocha, foi um escritor transmontano, nascido em S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa. Estaria destinado a ser cavador como o pai, a mãe e a irmã, ou talvez almocreve, como o avô se, surpreendido com a sua inteligência, um tio brasileiro não lhe tivesse pago os estudos de Medicina na Universidade de Coimbra. Findo o curso, assentando arraiais em Coimbra para exercer a prática da especialidade de otorrinolaringologia, Miguel Torga estreia-se na poesia aliado ao grupo da Presença, de quem pouco depois se desembaraça, trocando cartas com Fernando Pessoa, de cujos conselhos remoca e arreperia caminho num percurso literário e humano que sempre fez questão de ser talhado pelas suas próprias mãos, avesso a modas, correntes e escolas, fosse através das palavras no papel, fosse nas mutações axiológicas que sobrevieram ao mundo e à sociedade portuguesa, em particular, no decurso do século XX.

## 2. O *Diário*

O *Diário* surge, no conjunto da sua obra, como uma empresa de elevado fôlego e assiduidade onde o médico, pai, esposo, filho, poeta, contista, dramaturgo e romancista é deixado em suspenso e o homem, enquanto imagem viva que figura o mundo e que o mundo configura é, pela sua própria pena, convidado a aparecer. Tratam-se de 16 volumes, publicados ao longo de 6 décadas do século XX, entre meados da década de 30 e a década de 90 e em que o homem Miguel Torga relata, escarpeliza, interroga-se, discorre, critica, reflecte, lamenta-se e confessa-se sobre os acontecimentos da sua vida pessoal e da sua vida colectiva e dos eventos que, durante esses anos, moldaram os destinos pessoais e colectivos. Miguel Torga escreve sabendo que se inscreve, sabendo que se recria na própria tentativa de se desvelar a si próprio, fixando as suas impressões, meditações e significações pessoais tal como instados por certos acontecimentos, lugares e situações. Tal como nos seus contos, a palavra é trabalhada até ao seu máximo despojamento, num minimalismo e austeridade em que a máxima expressividade é alcançada com os mínimos recursos.

Para os nossos propósitos, importa realçar um aspecto singular, comum a cada volume do *Diário*. Trata-se da relação interdependente entre o sentido de cada entrada e o tempo sazonal e o espaço local que propicia esse sentido. Cada entrada do Diário é assim, na mais das vezes, imensamente tributária de uma dada cidade, vila, aldeia ou lugarejo e de um dado período do ano civil. Não significa isto que cada entrada seja por conseguinte uma mera impressão geográfica, paisagística ou antropológica da realidade humana e corográfica, mas sim que Miguel Torga atenta nas cambiantes particulares que cada lugar transporta. A visita recorrente aos mesmos, a vivência de diferentes ocasiões ao longo dos anos granjeiam ao poeta um acesso às semelhanças que se repetem, à diferença que surge, ao fenómeno que aparece diante de si. A escrita diarística é assim antes de mais uma escrita de si, um exercício espiritual votado a um auto-conhecimento que se funda e se descobre na atenção que vota àquilo que o constitui, ao pano de fundo maior de condicionalismos que limitam, e assim definem, o registo quotidiano.

Pierre Hadot relembra que a escrita diarística era para os Estóicos, uma forma de exercício espiritual destinada a modificar propositadamente a subjectividade, expandindo-a para o domínio do *logos*, a razão universal. Expondo a alma a uma assembleia pública imaginária, um diário é um processo de autognose em que o “eu” se descobre não como uma substância previamente existente e subtraída à vida, mas como constituído pelas suas circunstâncias e experiências:

[...] the point is not to forge oneself a spiritual identity by writing, but rather to liberate oneself from one's individuality, in order to raise oneself up to universality. [...] not only is not the case that one “writes oneself”, but what is more, it is not the case that writing constitutes the self. Writing, like the other spiritual exercises, changes the level of the self, and universalizes it. [...] writing takes the place of other people's eyes (Hadot 1995 p. 210).

Um dos pontos desta apresentação é, pois, manter que a técnica, nas suas múltiplas manifestações, constituiu no *Diário*, face às forças que ocasiona, um dos temas recorrentes que impelem o autor a um contraditório, a uma pausa reflexiva, a um fôlego meditativo. Merece uma primeira elucidação o uso específico do termo “técnica”, recorrente nas passagens do *Diário*. Não obstante a técnica propriamente dita ser intrínseca ao próprio aparecimento da humanidade, constituindo um *a priori* antropológico, a tecnologia é bastante mais recente. A técnica, enquanto disposição para perseguir uma actividade produtiva e transformadora, com vista à obtenção de benefícios,

pressupõe apenas a familiaridade de um contacto empírico com a realidade e a compreensão de que os fenómenos naturais se sucedem ao longo de linhas constantes e regulares.

A tecnologia, pelo contrário, é coeva não da técnica, mas do quadro epistémico da ciência, isto é, do aparecimento da experimentação e do estabelecimento de hipóteses. A tecnologia é solidária e baseia-se no conhecimento da estrutura ontológica da própria realidade, formulada em linguagem matemática.

A “invenção da invenção” é largamente um fenómeno moderno, solidário da epistemologia teórica em que se moviam os primeiros cientistas e engenheiros e que desde os finais do século XIX assume um crescente papel central nas economias dos países industrializados. A tecnologia pressupõe um planeamento e uma intencionalidade, enquanto a técnica, num sentido preciso do termo, é coadjuvada pelo acaso ou por processos inconscientes e intuitivos, inserida nas formas de vida das comunidades e dependente de lentas evoluções adaptativas.

Ao contrário de uma técnica relativamente estéril, a tecnologia é prodigiosamente fecunda. O casamento moderno entre a *theoria* antiga e uma *techne* infértil tornou a própria actividade produtiva e transformadora em objecto de racionalização, consagrando a razão calculadora como força motriz da nossa civilização. É nesta acepção que o termo “técnica” que Miguel Torga frequentemente emprega pode, quanto a nós, merecer a conotação supra que o termo “tecnologia” recebe enquanto fenómeno próprio da contemporaneidade.

### 3. O método de almocreve

O método de almocreve<sup>1</sup> está pois em íntima aliança com estas características que elencámos do *Diário*. Consiste ele na feição plenamente assumida do poeta como andarilho, da sua promessa de ventura em lançar-se à desco-

---

<sup>1</sup> Coimbra, 7 de Dezembro de 1949 - Não é por nacionalismo, que seria tolice. É por funda necessidade cultural que eu peregrino esta pátria. A realidade telúrica dum país, descoberta pelos métodos dum almocreve, é muito mais instrutiva do que trinta calhamaços de história, botânica, ou economia. [...] Temos de conhecer a nossa terra. Mas conhecê-la por dentro, sem preconceitos de nenhuma ordem. Amá-la, sim mas objectivar-lhe tanto quanto possível os defeitos e as virtudes, para que o nosso afecto seja fecundo e progressivo. Portugal tem sido visto ou por arqueólogos ou por obcecados. São horas de tentar compreendê-lo de outro modo. Nem o cisco dos cacós, nem o delírio histórico. Uma radiografia profunda, que revele a solidez do esqueleto sobre o qual todo o corpo se mantém. Diário V.

berta e à aprendizagem quase arcana dos lugares, monumentos, povos e comunidades, subtraídos aos mapas cognitivos habituais que povoam os seus coevos, atravancados de demasiada prosápia e cultura que corresponde a outras latitudes<sup>2</sup>.

Esta forma de revelação dos lugares celebra o corpo como mediador de todo o conhecimento, sublinhando o esforço físico e o desconforto em percorrer percursos inóspitos, agrestes mas concomitantes à dádiva de ver o esquecido, o longínquo e o desprezado e que comemora o encontro dos sentidos com as realidades humanas, paisagísticas e históricas de um país que o poeta pretende sentir próximo, até intimá-lo e torná-lo também seu. É uma atitude que de tão plenamente assumida se torna, afinal, num hábito, numa segunda natureza. O método de almocreve cumpre-se ao surpreender, no contacto próximo com comunidades e monumentos antigos, o que elas têm de mais genuíno, de mais intrínseco, de mais próprio e de um cultivo concomitante do ministério da terra. Miguel Torga plasma no seu *Diário* a sua tentativa de descoberta do chão e do verbo, do encontro com a matriz biofísica dos territórios que tanto faz por intimar e de como cada recanto foi apropriado de uma certa forma por uma dada comunidade, numa síntese tantas vezes reconhecidamente harmoniosa. Os temas da autenticidade e da identidade são aliás as pedras-de-toque em que Miguel Torga medita para estimar as mutações e transformações protagonizadas pela técnica que advieram aos lugares e às gentes.

Se quiséssemos identificar uma ontologia social em Miguel Torga, diríamos, em termos breves, que ela se explica pela *tensão entre o movimento e o enraizamento*. O método de almocreve é necessário para reconhecê-la nas suas variantes, para aferir aquilo que para Miguel Torga caracteriza definitivamente o homem. O meio condiciona, baliza e justifica as comunidades que lhes estão inscritas e encastoadas; tudo nelas é dele solidário, como o vestuário, a arquitectura, a alimentação, os hábitos e as efemérides. Da paisagem à cidade e daí até à comunidade e ao indivíduo há uma continuidade reflexiva

---

<sup>2</sup> Fundão, Serra da Gardunha, 4 de Fevereiro – Pareço um doído a correr esta pátria. Do Gerês a Monchique e do Caldeirão a Bornes, não tenho sossego. E sem saber ao certo para quê! Não sou geógrafo, tenho um patriotismo suspeito, sou fraco apreciador de petiscos, de modo que nem eu chego a saber por que é tanta peregrinação. Talvez sem eu ter consciência disso, cultivo-me assim pelos olhos e pelos pés, no alfabetismo íntimo das cousas, expressivas na sua luz, no seu clima e no seu paralelo particular. A terra não é igual em lado nenhum. Aqui encolhe-se, ali espalma-se, acolá afunda-se. Como acontece num grande livro, que tem páginas para lágrimas e páginas para sorrisos, assim a natureza conta uma história alegre em Viana e uma história trágica no cabo de S. Vicente. *Diário III*.

que espelha as características do elemento mais compreensivo na série. O homem será tão mais livre quanto se reconhecer como reflexo consciente e devedor do fundo biofísico, histórico e colectivo que o auto-constitui.

Descreve-se, claro está, o homem enraizado. O homem desenraizado, contudo, paira perante essas realidades como um fantasma, constituindo-se apenas através das escolhas ditadas pela autonomia da sua consciência livre e independente, próxima ao individualismo herdado Modernidade. A demanda de Miguel Torga é pois onto-epistemológica, pois a intuição da matriz dessa originalidade, peculiar a um enraizamento próprio à Ibéria, ao país, a cada região, só é realizada através de uma intimação constante pelas paisagens, pelas gentes, pelas obras e monumentos, familiarizando-se nesse processo com a memória de uma agência anónima que acaba também por ser constituinte da sua subjectividade.

Apresenta-se de seguida uma tipologia de tópicos em que a tecnologia surge recorrentemente ao longo do *Diário*. Espera-se assim expôr a regularidade de um exame e das questões que são levantadas, bem como cotejar a proximidade com outros autores contemporâneos que abordaram a técnica como questão filosófica de pleno direito.

#### 4. Técnica e Medicina

O contacto profissional com pacientes, sofredores e a fidelidade ao juramento de Hipócrates permitem um trato diário com uma paisagem humana diversa e multimoda. Permitem a observação, que os tolhe, da possibilidade de um esforço sincero, perante um desconhecido, em confiar no que de mais íntimo há a cada um e de como de tais dificuldades permitem o assomar de um conjunto de virtudes próprias ao desvelo.

É através destas confissões e da sua convivência próxima com os caracteres humanos que Miguel Torga estabelece uma das dicotomias que lhe são caras: a oposição civilização-campo e o modo como a primeira imprime um registo de dissimulação às vidas humanas. Por outro lado, a medicina é, para Miguel Torga, a rainha das ciências que permite à criatura, por vezes, completar ou corrigir os trabalhos da criação<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> S. Martinho de Anta, 26 de Dezembro de 1960 – Há um lance no exercício da profissão que sempre me apaixonou: a anamnese. O relato dos padecimentos feito pelo doente à cordialidade inquisidora do médico. É ele o grande momento humano do acto clínico. A civilização tornou quase impossível esse rasgar de trevas, essa entrega total e confiada da alma dorida ao desvelo hipocrático. Ora, no camponês tudo se passa doutra maneira. Dono de um campo de consciência restrito, virgem ainda nas reacções, quando adoece todo ele

É porém no fim da sua vida, com a sua própria fragilidade exacerbada, que o médico se pensa doravante também como paciente. Observa na medicina a transição de uma abordagem de auscultação, de confissão e de recepção referidos à figura do médico e que como tal pudera saber salvaguardar a incógnita da aparição dessa condição limite que é a morte, para um cunho mais científico e quantificado da medicina que, à força de tanto e tão bem perscrutar os sintomas dos seus pacientes, acaba por conflitar e cercear o senso comum tácito de quem se sabia vivendo numa abertura, lançado a um fim, na iminência de cair, mas nunca sabendo quando<sup>4</sup>.

A morte, enquanto dado da condição humana e por isso figura que é aceite ou combatida, sempre apareceu como inevitável. O círculo da vida completava-se na morte e ao nascimento, crescimento e a velhice sucedia-se como seu remate natural, Ora, a técnica tem essa capacidade de se imiscuir no natural, de lhe confundir a sua inevitabilidade. Mudam as suas esperanças e as suas expectativas e esta não só já se podem cumprir ou ruir por natureza ou por carácter, mas também por sucessos ou falhanços da técnica:

Coimbra, 29 de Janeiro de 1986 - O dia inteiro a ser perscrutado por dentro pelos olhos impiedosos da ciência. A física e a química apostadas em determinar os dias que me restam. Dantes, a duração da vida era um mistério sagrado. Agora conhecem-se os mecanismos íntimos da fisiologia e basta a dosagem no sangue de determinado elemento para sabermos a que distancia estamos do fim. É um grande progresso do saber e uma grande desolação. Sai-se do laboratório com uma sentença de morte sem apelo e sem agravo, a cumprir a curto prazo, exarada laconicamente num algarismo, num gráfico, numa imagem (*Diário XIV*).

## 5. Técnica e Arte

Uma coisa, na ontologia torguiana, reflecte um todo maior, do qual promana. Tal como a azeitona surge da oliveira e o campo de trigo justifica o pão,

---

se concentra na observação dos sintomas do mal que o rói, e descreve-os depois objectivamente, com a candura dum primário e a precisão dum cientista. E é uma aventura emocionante e dignificadora acompanhá-lo pelas veredas da angústia, o apelo e a solicitude de mãos dadas, fraternos, a caminho da desilusão ou da esperança. *Diário IX*.

<sup>4</sup> Coimbra, 15 de Maio de 1980 – Sou do ofício e já não estranhei.

– *O seu homem?*

– *Lá está na reanimação...*

Dantes, a pessoa vinha ao mundo, fazia-se gente, chegava a velho, a caminhar progressivamente para o fim de acordo com a fisiologia. Agora, a morte não é mais um desfecho natural. É uma falência da técnica. *Diário XIII*.



também a técnica enquanto actividade poiética pode criar artefactos que *concentram essa demora* entre o meio e o homem. A legibilidade das coisas remonta à sua feitura, à origem dos materiais na paisagem, a uma autoria que engrandece o que é feito, quase como se a paisagem encontrasse um desígnio através das mãos humanas. Tudo isto contrasta com a opacidade daquilo que é produzido através de um maquinismo e que por isso Miguel Torga classifica como surdo, pois não se permite a ser penetrado por um olhar que adivinha mãos humanas<sup>5</sup>.

Recorremos a Albert Borgmann e ao seu paradigma do dispositivo para aprofundar esta questão (Borgmann 1984 p. 98). Uma *coisa*, para Borgmann, é inseparável do seu contexto, do seu mundo; uma coisa, aliás, invoca e obriga a um envolvimento multidimensional com ela, nunca providenciando um e um só benefício. O exemplo da lareira é esclarecedor. Embora uma lareira gere calor, o mundo que ela acarreta, para acontecer e manter-se, expande-se na vida de maneiras bastante complexas; uma lareira é um centro atractivo do lar e na língua portuguesa não é coincidência ambas as palavras derivarem da mesma raiz.

A lareira foi outrora o centro das casas porque fornecia luz, calor e permitia a confecção de refeições, convocando os habitantes para a fruição de um espaço vivido e criado através de tarefas comuns. Tais tarefas, destinadas à criação do fogo, embora sejam laboriosas, são também lúdicas e cativam os sentidos de várias e múltiplas formas: o corte, a selecção e a recolha de lenha, a noção de que as próprias características da lenha mudam consoante as estações do ano, a perícia para criar o fogo, a noção de que graças aos esforços de todos se venceu a ameaça do frio e se conquistou um conforto enquanto se presenciam as chamas e o cheiro que se liberta dos tocos de madeira. Ou seja, a lareira pode ser vista como uma tecnologia que satisfaz os fins de convívio, de equidade, de demora, inculcando virtudes, edificando. Edificar, aliás, tem um sentido mais conspícuo: o étimo latim, *aedes*, correspondia a “um fogo, lar, cabana primitiva de forma circular com o lume

---

<sup>5</sup> Arraiolos, 21 de Novembro – Um tapete, e uma velha de noventa anos que o teceu com a paciência e sabedoria de uma aranha. Quase que tive de lho arrancar da alma. Não se movia nem a rogos nem a notas. Não faço mais nenhum, gemia ela. Mas consegui vencê-la, e aqui o levo como um talismã. É uma vida embrincada e colorida que quero pisar docemente pelos anos fora como um fofó cilício. O que uma máquina faz não tem calor humano suficiente para me aquecer certos frios. Dificilmente consigo partir de um pneu para o seringueiro meu irmão do Amazonas. Mas terei sempre este pano, vivo e terroso, o rosto macerado daquela senhora antiga, de vestido preto e gola alta, que escreveu talvez com estes fios o único poema da sua vida. *Diário III*.

no meio, como o *aedes Vestae*, templo de Vesta, em Roda”; e daí *aedificare* tenha dado origem quer a edificar, quer a educar.

Uma coisa tem pois o condão de instigar o envolvimento corpóreo e sensível com o seu mundo e quanto mais fidelidade houver à sua prossecução, mais aprofundamento e enraizamento no seu mundo advêm. Quaisquer limitações ao adestramento e à aprendizagem de competências confinam o envolvimento de uma pessoa com o mundo a áreas mais limitadas. Um *dispositivo* como um aquecedor central, pelo contrário, trabalha de modo bastante diferente. O seu propósito comum é análogo, mas o aquecedor central, ao prover calor, liberta os presentes de todos os outros elementos envolvidos na sua geração e que a lareira mantém explícitos. São esses elementos que estão ocultos no mecanismo do dispositivo, o qual não exige nenhuma competência especial ou nenhuma destreza particular. Note-se ainda que esta falta de exigência é tanto menor quanto menor é a estranheza perante a sua presença.

Por vezes parece estarmos perante uma espécie de fenomenologia rudimentar, através do exame ao conjunto dos conteúdos noéticos e noemáticos que cada tecnologia numa série de fins análogos provê. O mesmo fim pode ser levado a cabo segundo tecnologias diferentes, mas o sentido que cada aprimoramento da máquina mantém ou elimina invoca uma participação distinta dos operários, isto é, uma adequação à integridade dos seus utilizadores:

Coimbra, 5 de Julho – Na tipografia, a ver trabalhar lado a lado máquinas impressoras, desde o velho prelo renascentista até à última rotativa americana. O prelo já só tira provas; mas dele em diante o número de folhas vai subindo até ao infinito. Não são, porém, as características de rendimento que, a meu ver, separam significativamente os vários modelos e espelham a constante trajectorial de toda a criação humana. O que me parece ter realmente interesse na comparação destas realizações é a arquitectura aparente de cada uma. O prelo pode ser comparado a uma capela românica, sem nenhum ornamento e sem qualquer desvio da intenção original. Há uma simplicidade genial na sua estrutura, que lhe dá uma beleza recolhida e perene (*Diário III*).

Do prelo à rotativa vai-se da fraternidade à desresponsabilização. A máquina, enquanto aprimoramento e remate de outras técnicas mais rudimentares que implicavam a participação total ou parcial do homem, opera também uma redução do imaginário em que as forças que caracterizam todas as vi-

das projectavam formas simbólicas: “Quanto aos operários que manobram estes engenhos, os que movem o prelo estão numa espécie de fraternidade imediata com ele, que lembra a pureza das relações com Deus na tal sé de arco redondo, onde o corpo se sentia pelo menos tão seguro como a alma. Na rotativa actual, é de ver, o homem perdeu inteiramente o pé na realidade, e, à semelhança da posição do crente nas igrejas setecentistas, é já só aos ornamentos que os seus olhos ficam atidos. Basta-lhe carregar num botão, para que a sua desumanização comece. Por ter esta ânsia de chegar ao seu barroco imaturamente é que a civilização mecânica corre o perigo de se perder ou de perder a humanidade. A máquina é dos mais perfeitos milagres do nosso tempo. Mas, como todos os milagres, tem o seu perigo: o de a gente pôr neles uma fé tão cega que não fique lugar para a presença céptica da razão que os fez.” (Id.).

Miguel Torga faz um apelo quase aristotélico à sensatez, à capacidade que a razão prática detém para regular a perícia, razão calculadora e que impele o avanço autónomo da técnica. É necessário introduzir-lhe uma medida, um meio-termo adequado aos fins humanos<sup>6</sup>.

## 6. Técnica e Território

O território português, no século XX, atravessou várias lentas e insidiosas mudanças que, se descortinadas no instante da sua instalação, embora não permitindo a antecipação dos seus efeitos, garantiam pelo menos um dramatismo àqueles directamente afectados e às testemunhas desses acontecimentos. Só face à sua cumulatividade crescente, óbvia para gerações posteriores, puderam ser esses efeitos compreendidos em toda a sua nefasta latitude. A técnica foi o meio predilecto de gestão de territorial, alterando de modo indelével a vida de inúmeras comunidades graças à escala maior das próprias intervenções. Contam-se entre elas as barragens, destinadas a corrigir o caudal e à produção de energia eléctrica<sup>7</sup>; a reflorestação de

---

<sup>6</sup> Aristóteles precisa que a sensatez é a capacidade de deliberar correctamente acerca de tudo aquilo que é bom e vantajoso não só para o próprio e nem de um modo particular, como é o caso em várias techne como a medicina ou do exercício físico, mas sobretudo “acerca de todas aquelas qualidades que dizem respeito ao viver bem em geral.” EN 1140a25-28 e EN 1140b9-10.

<sup>7</sup> Castelo de Bode, 19 de Março de 1950 – A nossa paisagem física e psicológica vai-se pouco a pouco modificando. Os rios líricos, represados, começam a dar energia eléctrica, e os montes ossudos, repovoados, perdem pouco a pouco o seu perfil trágico e alucinado. O mundo caminha nas rodas do progresso, e atrás dele lá vai a atamancar a nossa harmonia bucólica e faminta. É pena que os homens não o descubram senão em formas cosmopolitas.

baldios através da plantação do pinheiro bravo, que feneceu a economia agro-pastoril de diversas comunidades de montanha; a rede de estradas, destinada a unir o território economicamente, permitindo uma invasão de mercadorias e de modas; a purga da emigração que teve como refluxo um povo desaculturado e endinheirado que alterou o equilíbrio corográfico do país; e o turismo, que descaracterizou e se apropriou sem demora e sem envolvimento dos bens que Miguel Torga via como dádivas das comunidades aos forasteiros.

A este título, Miguel Torga testemunhou e confrontou a construção e o enchimento de várias albufeiras que submergiram várias aldeias. Embora felicite o progresso que as barragens prometem trazer, foi com indignação e desconfiança que assistiu ao desaparecimento da realidade tangível que eram essas aldeias. Por um lado, verifica a paradoxal artificialidade de inundar lugares que se caracterizam por serem compostos por parcas terras agrícolas mas que precisamente por isso, preservam um toque de alteridade, de excepcionalidade, de mistério inominável perante o passo civilizador que vai lentamente cobrindo a Terra com uma natureza amestrada e ajardinada, própria a uma gestão<sup>8</sup>. Por outro, atenta nos sacrifícios que o Estado exige a alguns para melhorar a vida de todos, de como o estalão urbano vai reduzindo, minguando e extinguindo a especificidade própria que caracteriza as formas de vida de cada comunidade rural, tornando-as idênticas em nome de um ecumenismo tecnicamente alcançado.

Influenciado pelos estudos de Jorge Dias em Vilarinho da Furna e Rio de Onor, Miguel Torga verifica também como o relativo isolamento que tornou tais comunidades quase autónomas e encastoadas no seu paralelo específico foram capazes, não obstante a sua pobreza de meios, de construir mundos de dignidade, solidariedade e liberdade alheios ao Estado e aos seus trâmites. Nas vésperas do desaparecimento de Vilarinho da Furna, escrevia Miguel Torga:

---

Que o mesmo saca-rolhas tire as rolhas de todas as garrafas. Cada terra devia ter os seus inventos próprios, as soluções próprias do seu caso. Assim, até o Mondego dos rouxinóis terá de dar um dia o seu quilovátio. *Diário V.*

<sup>8</sup> Serra da Lousã, 18 de Fevereiro de 1949 – O homem do passado via estes montes cobertos de carvalhos, e o do futuro há-de vê-los cobertos de pinheiros. Dantes, a natureza na sua espontaneidade; amanhã, a natureza disciplinada e utilizada. Por isso, quero gozar este único e fugidio momento de vê-la gasta e delapidada, maninha como um palácio que o dono incendiasse num dia de bebedeira e dentro do qual nascessem tojos e malmequeres. Serras nuas, esqueléticas e ossudas, mas de uma beleza que nem o passado viu, nem o futuro há-de adivinhar. *Diário IV.*

De maneira que gostava de ir de vez em quando até Vilarinho presenciar a harmonia social em pleno funcionamento, sem polícias fardados ou à paisana. Dava-me contentamento ver a lei moral a pulsar quente e consciente nos corações, e a entreajuda espontânea a produzir os seus frutos. Regressava de lá com um pouco mais de esperança nos outros e em mim. Do esfacelamento interior que vai sofrer aquela gente, desenraizada no mundo, com todas as amarras afectivas cortadas, sem mortos no cemitério para chorar e lajes afeiçoadas aos pés para caminhar, já nem falo. Quem me entenderia? (*Diário XI*)

Muitas das viagens que Miguel Torga empreende a Lisboa dão-lhe também a sensação de que a capital, como centro de um progresso que se pretendia irradiar para o resto do território, se vai monstruosamente alterando. Teme que essas transformações se espalhem para o resto do país, arrasando a sua singularidade porquanto observa nelas um elemento desenraizador que transforma comunidades em indivíduos atomizados e desvinculados de qualquer compromisso senão aos imperativos do trabalho tecnicizado<sup>9</sup>. Com as mudanças advindas às terras que havia conhecido na sua integridade, Miguel Torga torna-se testemunha de uma desfiguração perpetuada sobre os valores do progresso:

[...] o nosso tempo é assim. Colectivo, atravancado, promíscuo. Superlotado em todas as horas. E já não há lugares no mundo preservados, nem consentimento para qualquer individualidade os admirar (Nazaré, 26 de Agosto de 1984. *Diário XIV*).

---

<sup>9</sup> Lisboa, 19 de Janeiro de 1973 – De cada vez que aqui venho, maior me parece a cidade, mais incaracterísticos os edifícios, e menos humanos os habitantes. Chego à rotunda do Marquês. E o rodopio alucinante dos carros à volta da estátua completa a impressão de que estou no centro de uma engrenagem tentacular e demoníaca, que tudo absorve, uniformiza e reduz a movimento. E vejo, no plaino do tempo, Portugal transformado numa Lisboa gigantesca, a terra arável removida pelos serviços camarários para estufas e canteiros, e a outra, depois de convenientemente pelada, coberta por um monstruoso eczema de cimento e asfalto. Em vez de províncias, bairros, e em vez de camponeses, cidadãos. Mas bairros puramente administrativos, que nenhum pequeno jardim, fresco chafariz, graciosa capela ou aberto miradoiro singularizem, e cidadãos que neles se não revejam e reconheçam, alia apenas a pernoitar e a procriar, elementos indistintos da incomensurável metrópole, precisos como parafusos e certos como relógios no regulamento do trânsito e na revolução das horas, a repetir os mesmos monossilabos, a respirar o mesmo monóxido de carbono, com o rosto encardido pela poalha – titeres inconscientes e trágicos que a morte faz bailar grotescamente no imenso cemitério de vertigem. *Diário XI*.

## 7. Experiências Particulares

Como dissemos, parece ser possível surpreender em Miguel Torga uma espécie de fenomenologia rudimentar. É de acordo com este termo que designamos esse seu exame tão atento à experiência que certas tecnologias suscitam, atentando o poeta nos diferentes conteúdos noéticos e noemáticos que a deslocação aérea, por exemplo, congrega relativamente à deslocação a pé. Ou seja, Miguel Torga parece nestas reflexões suspender o mundo exterior para considerar apenas a sua própria experiência particular. Vários autores em filosofia da tecnologia usam precisamente uma análise fenomenológica, de forma a descortinar os invariantes estruturais da experiência que atravessa o utilizador de uma dada tecnologia, recriando o mundo que ela invoca (exemplos como Don Ihde, Albert Borgmann e Peter Paul Verbeek).

Repare-se na experiência entre escrever um texto no computador ou à mão<sup>10</sup>. Ou, por exemplo, entre um relógio analógico e um relógio digital. O facto de o tempo ser indicado por ponteiros ou por dígitos, isto é, o facto de o tempo ser representado por uma quantidade e não inserido num círculo não determina, mas pode pressupor um diferente sentido do tempo. Miguel Torga parece avaliar as tecnologias de acordo com a forma como desmultiplicam uma experiência original, um grau zero não necessariamente a-tecnológico, mas que considera determinante para descortinar como as mesmas alteram a face da experiência evidente e original.

São estas reflexões que lhe permitem, a respeito das tecnologias de transporte, falar em “limites” ou na “solidariedade do corpo com a máquina” ou no cunho “abstractizante” de certas tecnologias. Encontramos aqui terreno fértil para um cotejo com as ideias de outros autores conceptualmente mais finos,

---

<sup>10</sup> Praia do Pedrogão, 18 de Agosto de 1981 - Fez-me a exibição de um relógio de pulso que só não falava. E decepcionei-o.

– Não o queria nem de graça.

– Porquê?!

– Porque não tem ponteiros. Em vez de atenuar, agrava os inconvenientes dos outros. É mais abstractizante ainda. O tempo que eu entendo é cíclico, move-se, dura. E tenho necessidade de me sentir integrado nesse movimento através de um indicador qualquer: uma sombra que se desloca num quadrante solar, um fio de areia que se escoia numa ampulheta, ou mesmo uma agulha que gira incansavelmente sobre o seu eixo num mostrador. É desesperante, mas há ainda uma identificação com o natural. Também os astros circulam no céu incessantemente em órbitas fechadas. Mantém-se de certa maneira a imagem do andamento cósmico. Mas, no caso de um mecanismo que apenas indica as horas por números luminosos, perde-se toda a referencia. Flutua-se no vazio, deixa-se de pertencer ao mundo real. Entra-se na eternidade em vida. *Diário XIII*.

mas que parecem ir no mesmo sentido: cada tecnologia, ao estar envolvida numa relação, cria um mundo próprio e não se resume à prossecução mais ou menos eficaz de um certo fim. Cada meio, cada técnica, ao se propor como atalho para um dado fim, amplifica e reduz, mostra e oculta aspectos da realidade, de acordo com as suas próprias características. No caso dos transportes, Miguel Torga reconhece que ao aumento de velocidade corresponde um desaparecimento do esforço físico e do desconforto associado que, assim, fixava um limite natural à quantidade de quilómetros passíveis de serem percorridos num dia. Sem esse esforço, o limite é sobrepujado e somos votados ao delírio da velocidade que tudo percorre sem demora e sem saber para quê.

No caso das viagens aéreas, a experiência de percorrer enormes distâncias no céu, sem pasto para dar aos sentidos, sem a sensação de poder parar, deter-se, observar; o estar votado a uma cabina pressurizada sem o ruído, a temperatura e os cheiros do exterior, condenado a tudo mirar de um ponto de vista superior leva Miguel Torga a classificar a experiência como espectral, etérea, como se estivesse a ser retirado da experiência da primeira pessoa para aquela que temos quando vemos o território representado num mapa<sup>11</sup>. A viagem, percurso que se instala imaginativamente em todos os pontos entre a partida e a chegada, é agora reduzida ao cais de embarque e de aterragem, sem que a fisionomia própria do território possa ser intimada.

A própria viagem aérea, tal como as viagens marítimas, foram outrora apostas na fortuna, no desconhecido, tributos ao engenho e à coragem humanas. Mas a sua elevada utilidade retirou-lhes no presente toda a componente de imprevisibilidade. De modo que aquilo que era uma façanha humana se tornou numa normalidade técnica. Miguel Torga goza com os seus próprios temores e ingenuidades a respeito das proezas das viagens aéreas. Sabe que não há razões para temer a contingência mas ao mesmo tempo estranha

---

<sup>11</sup> A voar para Moçambique, 1 de Junho de 1973 - Tenho de me render à evidencia: o homem que voa dimensiona o mundo de outra maneira. Que perspectiva poderia eu levar da imensidão africana, a calcorreá-la a passo de caranguejo? A vida inteira não chegaria para traçar nela meia dúzia de coordenadas. Assim, de um só relance, abranjo a infinita grandeza deste corpo febril e sonolento, ao mesmo tempo despido e inviolado. Corpo onde altas serras e cordilheiras infundáveis são rugas insignificantes e rios intermináveis e caudalosos parecem veias exangues. Até o absurdo de eu o espreitar de mil metros de altura, comodamente instalado numa cadeira e a respirar ar condicionado, torna mais significativa a minha observação. Vou comparando duas realidades: aquela a que pertencço, já quase an-gélica de tão abstracta, e a que levada á em baixo, ao rés-do-chão, concreta, terrosa, ainda larvar. *Diário XII*.

essa padronização desumana do incalculado<sup>12</sup>. O homem define-se afinal pelas incertezas que o desafiam e não se pode meramente contentar com a cornucópia que lhe for ofertada. O que lhe resta parecem ser só proezas técnicas mas o que será ele sem desafios?

## 8. Técnica como Força

Por vezes Miguel Torga reflecte na técnica como uma força singular, como um novo mito, pulsão monolítica que se apresenta em toda a diversidade de mecanismos, por mais úteis e inofensivos que pareçam.

S. Paulo, 13 de Agosto de 1954 – [...] A varíola técnica começou na Europa, sabe-se. Aqui, porém, é que ela encontrou campo asado para a sua eclosão maciça e, conseqüentemente, para os seus estragos desoladores. Havia tanto que fazer, tais riquezas a aproveitar, que a máquina não deparou com qualquer obstáculo no caminho, e pôde, sem custo, ascender de simples instrumento a mito. Mito moderno da produção incessante, que começou por acudir à fome saciável do necessário, e acaba por não satisfazer a fome insaciável do supérfluo.

Por um lado, a técnica modifica constantemente a superfície do planeta prometendo uma providência milagrosa e imediata para a satisfação das carências de todos. O que de facto sucede é ela acabar por satisfazer apenas alguns, não se limitando a cumprir as necessidades antigas, mas a criar novas que emparelham com a produção incessante de novas mercadorias:

[...] Não parece evidente que a parte mais profunda de cada um de nós necessite dos mil confortos de que a cercaram e dispense a meia dúzia de valores permanentes de que foi espoliada. E é de crer que não haja entusiasta consciente do progresso que deseje que ele o engula. Ora a

---

<sup>12</sup> Luanda, 18 de Maio de 1973 – Numa angústia progressiva, resolvi então, a pretexto de me documentar - os ardis a que recorre a razão impotente! - arranjar maneira de subir à cabine de comando. E lá consegui penetrar no santuário, um cochicho no focinho do aparelho, forrado de computadores, onde três autómatos observavam agulhas, interpretavam sinais, interpelavam em código ouvintes distantes. De tal maneira desumanizados que acabei por me esquecer também da minha própria humanidade. Sem dar por isso, fui perdendo a noção do risco que constantemente nos ameaçava - a fluidez do espírito a sobrepor-se á força da gravidade -, e acabei por vogar sem reticências terrenas e medidas temporais num céu de estrelas que lembra um pomar azul com frutos doirados quase ao alcance da mão. Parecia uma ficção. Saí então daquele espaço reservado e condicionado, onde nem o medo natural era legítimo, e respirei o ar livre das contingências. *Diário XII*.



impressão que se colhe numa cidade como esta é, precisamente, a de um excesso técnico, que, se não devora inteiramente o espírito, o atropela no ímpeto com que caminha. É, evidentemente, em nome do homem que as fábricas trabalham dia e noite. Mas dum homem arbitrário, concebido por industriais e capitalistas. Um homem que não é o concreto e real das favelas, mas o abstracto e necessário dos negócios (*Diário VII*).

Por outro lado, a profusão técnica que invade o mundo quotidiano retirou, em nome de uma maior facilidade e disponibilidade, a possibilidade de um envolvimento esforçado, comprometido, responsável e, como tal, que se demora nas coisas e nos seres. Aliviando-se desse fardo, o homem retrai-se na medida da facilidade com que os seus engenhos lhe alijaram a vida, retraindo-se nos meios que inventou para atalhar uma sua libertação.

Coimbra, 20 de Novembro de 1962 – Três telefonemas a agradecer o livro. É triste, mas as coisas são como são. O homem alienou-se nas máquinas que inventou. Consciente ou inconscientemente, abdicou nelas da parte mais nobre e dignificadora da sua condição: o gosto da responsabilidade assumida. [...] Analisar, formular e, sobretudo, subscrever qualquer afirmação, tornou-se um pesadelo. Pega-se num aparelho impessoal, dizem-se meia dúzia de palavras, impessoais e pronto. Não fica rasto de compromisso (*Diário IX*).

O traço da relação fundamental que une o homem aos seus dispositivos de utilidade, tornando a obtenção dos fins mais expedita, redundou na completa inutilização do homem, na sua obsolescência anunciada. Reduziram-no a uma figura etérea, quase angélica que se envolve minimamente com a realidade<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Coimbra, 16 de Outubro de 1945 – Herdamos um mundo já quase decifrado, e sabemos de cor as ervas que não devemos comer e as feras que nos não podem devorar. Vivemos numa paz de animais domésticos, vacinados, com os dentes caninos a trincar pastéis de nata, tendo aos pés, submissos os antigos pesadelos da nossa ignorância. Passamos pela terra como espectros, indo aos jardins zoológicos e botânicos ver, pacata e sabiamente, em jaulas e canteiros, o que lá foi perigo e mistério. O nosso gritinho de horror diante de qualquer lesma dá bem a perdição a que chegámos. Civilizámo-nos, mas à custa da nossa mais profunda integridade, dispersando-nos nas coisas que fomos desvendando. Pelo caminho que levamos, um dia virá em que tudo em nós será consciência, compreensão e sabedoria. Mas nessa mesma hora estaremos desempregados no mundo. Todos saberemos resolver a equação das nossas vidas na ardósia negra onde dantes eram as trevas da nossa virgindade criadora, mas talvez já não haja vida, então. *Diário III*.

## 9. Conclusões

A primeira conclusão desta exposição é a de que a técnica constitui um tema caro a Miguel Torga. A ausência de um pensamento sistemático a seu respeito e o modo como a terminologia que o *Diário* parece variar ao longo dos anos não nos devem fazer subestimar a assiduidade do seu contributo para pensá-la ao longo dos anos em foi elaborado. A técnica é confrontada de modo original, crítico e ponderado de acordo com as possibilidades que introduz e de acordo com o que essas possibilidades, tornadas efectivas, significam para a dignidade e liberdade da vida na Terra. Não só são pensados objectos técnicos particulares e especializados, mas outros de utilização mais corriqueira. São avaliados objectos técnicos de longo alcance no tempo e no espaço, bem como outros relativamente anódinos que podem ter efeitos também perniciosos. Miguel Torga parece sempre conservar a consciência de um grau zero tecnológico e de um cepticismo que adivinha que cada avanço técnico é feito à custa de uma competência humana e que como tal a imagem do homem retrai-se na medida desse sucesso.

Outra das conclusões acerca deste excuro pelo lugar que a técnica ocupa nas reflexões de Miguel Torga é ditada forçosamente pela feição mais pessimista que os derradeiros volumes do *Diário* deixam entrever. Não correspondem a uma alteração radical das suas reflexões mas ao termo de um percurso de décadas que verifica, sob a superfície de alterações na arquitectura, nos hábitos e nos gestos, sintomas de uma mutação mais vasta e estrutural na vida do homem na terra face às forças económicas e tecnológicas que a configuram. Há a sensação de uma queda, de uma danação, de um divórcio inaudito que alterou o tecido ontológico entre o meio e o homem, entre o homem e as coisas.

Por um lado, como alternativas às tendências totalizantes que o poeta observa presidirem aos destinos de inúmeros países e regiões, Miguel Torga mantém algumas possibilidades redentoras; todas elas derivam de uma aprendizagem com um apostolado telúrico em que cedo se iniciou. E é indelével que foi através da sua própria errância de décadas através do território português que as suas propostas se inspiram.

Por outro lado, Torga mantém que há uma série de virtudes associadas à proximidade de contacto entre as comunidades e a natureza. O camponês ou a província são a trave-mestra de uma relação consentânea não só com a natureza, mas com a realidade. Como assinala uma passagem, trata-se do “proto-plasma da pátria”, a “arca das suas virtudes” em que “os hábitos [são]

fiéis às necessidades” e “a alma dos seres [é] aliada à alma das coisas, e ambas na flagrante autenticidade do que não sabe nem pode mentir” (*Diário XII*). Esta relação contrapõe-se à cidade, onde reina o efémero, a moda, a senda da novidade e do artifício, a agitação.

Falamos de alguém que conheceu essa realidade bem de perto e que não estava tentado a eufemismos bucólicos. Face à miríade de mundos possíveis que a técnica promete, cremos que Miguel Torga identificou na fidelidade a uma condição, feita de humildade e labuta, uma cura para um deslumbramento desarraigado que retira o chão ao homem e o torna numa marioneta das suas coisas. O cavador é alguém sem pressa de chegar ao futuro, que se sabe livre quanto mais se repetir nas suas tarefas e práticas rotineiras. O seu tempo novo não é aquele do futuro, do projecto ecuménico que virá num amanhã abstracto através de uma revolução social ou económica e que o escraviza ao presente; o tempo do cavador, o tempo do campo é a integração no ciclo das estações, o retorno ao tempo através da obediência e submissão consentida aos elementos. O cavador habita no tempo cósmico:

S. Martinho de Anta, 14 de Abril de 1965 – A aldeia, o campo, a primavera. Três faces da mesma evidência. O estável no instável, o estremado no desmedido, a permutação circular. A lei sem a letra. A ordem natural, visível. O equilíbrio do universo físico, a harmonia do real. O homem, em vez de escravizado ao futuro e sem pé no presente, integrado no tempo cíclico das estações, entanguido ou abrasado como elas, periódico também nos gestos essenciais, a semear em Maio e a colher em Setembro. A constância das forças elementares, a fonte a jorrar de Inverno e a secar de Verão, o pássaro a fazer ritualmente o seu ninho. É neste ritmo de vida que no íntimo acredito, só nele encontro paz e tenho esperança. O dia de trabalho e a noite de sono, o domingo de repouso no fim da semana afadigada, a morte a alimentar a certeza da ressurreição, a luz do sol a ofuscar todas as candeias (*Diário X*).

Na linha de uma apologia das virtudes campestres como reduto do que ainda permanece autêntico, imarcescível, incorruptível, Miguel Torga sublinha também o contraste entre a natureza e a técnica. A natureza, enquanto domínio de tudo aquilo que existe para os seus fins próprios que não os do homem, devolve-lhe a imagem de um reino subtraído ao seu domínio<sup>14</sup>. A

---

<sup>14</sup> Coimbra, 12 de Dezembro de 1966 – Técnica, técnica e mais técnica. Não ouço outra palavra à mocidade que, convictamente, repete o que aprende. E lá vou alimentando também o fogo sagrado. Barragens, pois. E foguetões, porque não? E circuitos abertos e fechados, e antenas, e máquinas electrónicas com fatura. Mas depois da progressiva girândola mecâ-

gratuidade e a alteridade da natureza recordam que a capacidade produtora da técnica, apesar de reduzir a imagem do mundo aos seus propósitos utilitários, não atinge ainda o âmago do que é o ser das coisas. Enquanto não se amar o mundo pelo que ele é, pela sua beleza gratuita, existirá sempre a tentação tecnicista de o reconfigurar de acordo com um estalão óptimo, destinado a fins utilitários.

O corpo e o espírito educam-se no contacto com a natureza, no sentido de nela poder ocorrer uma transfiguração no casamento do homem e da terra: “É o dom supremo da natureza: dama de grande senhoria, tudo o que vive na sua intimidade se dignifica também. No meio de panoramas de uma só cara, dificilmente a safadeza se atreve a mostrar as duas habituais. Diante de montes que devolvem o eco de cada afirmação, ninguém é capaz de se contradizer. Daí a sensação de pureza e nobreza que nos dão as criaturas rurais, no trabalho ou no ócio.” (*Diário VII*, p. 84).

O contacto com a natureza parece desfazer o reino das abstracções e das representações mentais que o homem tece de si, dos outros e do mundo e que pintam de negro o seu passado e o seu futuro. A pujança e nobreza da natureza sublinham e relativizam como tais hábitos mentais produzem imagens desfasadas da gratuidade do mundo, do esplendor dos seres e que nascem apenas no convívio próximo a certos lugares por demais urbanizados. O contacto com a natureza é um exercício necessário para introduzir um módico de concretude, de raízes que na simplicidade de um encontro estético não permitem à razão flutuar, pairar, como se estivesse desprendida de uma terra que doravante pretende reconfigurar. É, no fundo, um refrigério para que o homem habite no concreto sensível das coisas e não no reino das representações que estabelece da realidade.

O facto de a terra portuguesa ser cronicamente improdutiva na sua globalidade, de lhe faltarem recursos abundantes e estar votada a uma carestia crónica são precisamente as qualidades que permitem que vastas fracções dela permaneçam ainda livres do afã utilitarista que a reconfiguraria caso a sua produtividade fosse outra. E é nessa liberdade rebelde, alodial, da fraga, do penedo que a terra pode ser o que é sem que seja o que o humano a força a ser. Em várias passagens do *Diário* observamos elogios aos traços que

---

nica, meto na conversa, como quem não quer a coisa, um cheirinho de lirismo. Ponho-me a falar de rouxinóis, de paisagens, de noras a chiar. Reajo como posso contra uma pedagogia que se esquece de acrescentar às lições de quantas ciências ensina que as aves cantam, que as águas sussurram, que só há um acto que o homem pode repetir eternamente com originalidade: olhar a natureza. *Diário X*.

Miguel Torga identifica como fazendo parte do carácter do país<sup>15</sup>. Existe para o autor a possibilidade de uma ascese laica, de um certo franciscanismo ligado à contenção e ao despojamento material característicos das terras portuguesas, uma primitiva decência que se mantém simultaneamente longe da pobreza e da miséria degradantes mas também afastada da abundância mirífica do progresso económico e tecnológico que corrói na exacta medida em que edifica<sup>16</sup>.

Essa simplicidade de condição, maldição que tem o seu quê de benesse, pode ser uma pedagogia que o autor contrapõe à civilização “pletórica e podre”. Miguel Torga vê na crónica carestia da terra portuguesa uma sapiência telúrica que “a tornou marginal à Europa, nem sempre a acompanhando nas suas proezas técnicas e antropotécnicas. E, nesse capítulo, à primeira vista, pode parecer retrógrado. Mas essa falsa inércia, esse ilusório sono letárgico, é apenas a paz de boa consciência de quem conhece o preço de certas cedências ao progresso. De quem lhe presente a efemeridade.” (*Diário XV*, pp. 136-138).

Outro dos eixos que percorrem as reflexões de Miguel Torga acerca da civilização tecnológica é por conseguinte a exaltação e o excesso racionalizante que a ela preside e que abafa os instintos. A razão sobrecarregada de vontade de verdade, envergonhada e desconfiada de tudo o que não seja feito segundo o seu risco, torna-se fogo consumidor que tudo devora e tanto mais se deflagra quanto mais decompõe, tudo questionando, interrogando e desconstruindo. Dos cacós dessa crítica, desse questionamento exacerbado, espera a razão poder voltar a reerguer um mundo conforme aos seus

---

<sup>15</sup> Gerês, 6 de Agosto de 1952 – Subida à Calcedónia, uma das coroas de glória cá da serra. A tarde estava como um veludo, e as fragas, amolecidas pela luz, pareciam broas de pão a arrefecer. Do alto, a paisagem à volta era dum aconchego de berço. Muros sucessivos de cristas – círculos concêntricos de esterilidade – envolviam e preservavam a solidão. Nas vezeiras, resignadas, as rezes esmoíam os tojos como quem ajeita um cilício ao corpo. E mais uma vez me inundou a emoção de ter nascido nesta pequena pátria pedregosa que é Portugal. Há nessa condenação como que uma graça dos deuses. Também é preciso ser de eleição para merecer certas pobrezaas. *Diário VI*.

<sup>16</sup> Coimbra, 8 de Agosto de 1941 – Não da salvação em Deus ou em qualquer paraíso. Da salvação neste mundo, de terra, com homens e com paixões. Veio agudamente dizer-me que ou uma, ou outra. Ou se escolhe como ideal um S. Francisco de Assis a rasgar-se nas silvas e a tratar de tordos, ou não há outro remédio senão a gente integrar-se no movimento universal desta gigantesca máquina moderna, e fazer nela de parafuso, como mostrou Chaplin. Assim divididos, com luz e sombra na alma, vestidos e despidos ao mesmo tempo como frutos mal descascados, é que não. Assim é morrer todos os dias. *Diário I*.

ditames em que toda a vida terá de ser reintegrada. A razão, contudo, não é auto-fundante pois que é auto-referenciada.

Ora, para Torga, há assim condições, crenças e valores inquestionáveis que devem fundamentar os sonhos abstractos da razão técnica. É o seu conjunto que nos limita e permitem assim a expressão da nossa liberdade e humanidade. Sem eles, é a civilização que se falsifica e fica sem pé na vida. Por mais que olhemos para fora de nós, para os astros e para os microrganismos, parece residir um último e derradeiro enigma ao próprio homem, que é ele próprio. Ora, esse enigma não será vencido pela instrumentação, mas pela entrega a uma aturada comunhão<sup>17</sup>.

## Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. (Caeiro, António Castro, trad.) Lisboa: Quetzal Editores, 2008.

HADOT, Pierre. *Philosophy as a Way of Life. Spiritual Exercises from Socrates to Foucault*. Blackwell: Massachusets, 1995.

ILLICH, Ivan. *Tools for Conviviality*. Nova Iorque: Marion Boyars, 2009.

IHDE, Don. *Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth*. Indiana University Press, 1990.

BORGMANN, Albert. *Technology and the Character of Contemporary Life*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

TORGA, Miguel, *Diário I*. 6ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1978.

\_\_\_\_\_, *Diário II*. 4ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1977.

\_\_\_\_\_, *Diário III*. 2ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1954.

\_\_\_\_\_, *Diário IV*. 3ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1973.

---

<sup>17</sup> Coimbra, 18 de Maio de 1952 – Contra o aceleração da história, um passeio no campo. Não conheço outro antídoto. Diante duma arte que parece ter as suas possibilidades esgotadas, duma ciência que devora a própria matéria que estuda, ou duma técnica apostada em envergonhar a nossa fisiologia – só há o recurso das hortas. No seio das searas que amadurecem a um ritmo milenário, junto das oliveiras que florescem no seu vagar quando o cio lhes vem, e a olhar o úbere duma vaca com vinte litros de leite lá dentro, os dramas do espírito atenuam-se. Menos negra cada ideia, menos significativa cada abstracção, resolve-se tudo neste dilema: ou o homem vai por diante na sua lógica demoníaca, estoira com a retorta e põe ponto final na conversa, ou então não tem outro remédio senão resignar-se a andar de vez em quando às arrecuas, como o caranguejo. Andar às arrecuas até acertar o passo com esta nossa morosa mãe que se chama natureza, calma senhora que nos olha com a benévola indulgência das mães. As traquinices dos filhos não lhe fazem perder a calma. Só há uma lei: a dela. *Diário VI*.

- \_\_\_\_\_, *Diário V.* 3ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1974.
- \_\_\_\_\_, *Diário VI.* 2ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1960.
- \_\_\_\_\_, *Diário VII.* 2ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1961.
- \_\_\_\_\_, *Diário VIII.* 3ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1976.
- \_\_\_\_\_, *Diário IX.* 1ª ed. revista, Coimbra: Edição do Autor, 1966.
- \_\_\_\_\_, *Diário X.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1968.
- \_\_\_\_\_, *Diário XI.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1973.
- \_\_\_\_\_, *Diário XII.* 2ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1977.
- \_\_\_\_\_, *Diário XIII.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1983.
- \_\_\_\_\_, *Diário XIV.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1987.
- \_\_\_\_\_, *Diário XV.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1990.
- \_\_\_\_\_, *Diário XVI.* 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1993.